

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LINGUÍSTICA**

Pâmela da Silva Rosin

**“EU NÃO DISSE ISSO”: UMA ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DA AUTORIA
NAS *MENSAGENS COMPARTILHADAS* DE CAIO FERNANDO ABREU E
CLARICE LISPECTOR NO FACEBOOK**

São Carlos,
2013

Pâmela da Silva Rosin

**“EU NÃO DISSE ISSO”: UMA ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DA AUTORIA
NAS *MENSAGENS COMPARTILHADAS* DE CAIO FERNANDO ABREU E
CLARICE LISPECTOR NO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Bacharelado em Linguística, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira

Coorientadora: Dra. Débora Cristina Ferreira Garcia

São Carlos, 2013

Pâmela da Silva Rosin

**“EU NÃO DISSE ISSO”: UMA ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DA AUTORIA
NAS *MENSAGENS COMPARTILHADAS* DE CAIO FERNANDO ABREU E
CLARICE LISPECTOR NO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Bacharelado em Linguística, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira

Coorientadora: Dra. Débora Cristina Ferreira Garcia

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira
Universidade Federal de São Carlos

Dra. Débora Cristina Ferreira Garcia
Pós-doutoranda (FAPESP) do PPGL/UFSCar

Ms. Renan Belmonte Mazzola
Doutorando (FAPESP) do FCLAR/ UNESP Araraquara

Ms. Samuel Ponsoni
Doutorando (FAPESP) do PPGL/UFSCar

São Carlos, ____ de _____ de 2013.

Aos meus pais
&
Aqueles que, de alguma forma,
“compartilharam” comigo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que dedicaram parte de suas vidas a me ensinar tudo que era preciso, permitindo que eu chegasse, hoje, aqui.

À minha orientadora, Profa. Dra. Luzmara Curcino, pelo seu carinho, dedicação, por acreditar em minhas ideias, e também pelo exemplo que é, pessoal e profissionalmente.

À Dra. Débora Cristina Ferreira Garcia por aceitar coorientar este trabalho e contribuir de forma tão valiosa e pontual.

Ao Ms. Renan Belmonte Mazzola e ao Ms. Samuel Ponsoni, pela fina leitura, suas densas contribuições e por aceitarem compor a banca avaliadora.

Ao grupo de pesquisa Lire, em especial, a Simone Varella, Tânia Rangel, Ana Baldin e Pedro Andretta, pelas discussões teóricas, conversas, risadas e participações em eventos, que contribuíram de forma significativa para a construção deste trabalho.

Aos professores e colegas de graduação que dividiram os momentos de aprendizagem, alegria e angústias durante esses quatro anos, especialmente, à Leticia Clares, pelo companheirismo, pelas trocas e pelo apoio durante o início, e agora, ao “término”. Às queridas Alline Rufo e Monique Amaral pelas conversas, risadas e pelo conhecimento compartilhado.

Aos queridos: Bárbara Maia, por ser durante esses anos, mais do que uma amiga, uma verdadeira mãe; Natália Moreno, por ser um porto seguro há mais de 7 anos e Eld Johnny Siqueira pelas contribuições acadêmicas e pessoais.

A Deus, por nossas conversas e por ser meu repositório de forças.

“Queria tanto que alguém me amasse por
alguma coisa que eu escrevi.”
(Caio Fernando Abreu)

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, objetivamos descrever e analisar de forma mais sistemática as indagações que surgiram a partir do projeto de iniciação científica *Práticas de escrita e de leitura na rede: uma análise das mensagens compartilhadas e dos procedimentos de sua formulação linguístico-discursivas*, desenvolvido durante nossa graduação, no qual, analisamos um tipo de texto bastante peculiar e atual, e que se apresenta sob a forma de “frases” retiradas de obras diversas (literárias, filosóficas, religiosas), que passam a circular de forma autônoma, em relação a seu texto de origem, em páginas de redes sociais, em especial, no *Facebook*, e cujo funcionamento (produção, circulação e recepção) implica certas mutações nas práticas de escrita e de leitura na atualidade. Tendo em vista este seu funcionamento autônomo e particular e suas características formais, as denominamos como *mensagens compartilhadas*. Tratam-se de enunciados destacados, em especial de obras literárias, que são selecionados, destacados, adaptados, acrescidos de imagens, o que tem como consequência a alteração em alguma medida do “sentido” desses enunciados, enfim, das formas como são lidos e reproduzidos. Essas *mensagens* são postadas pelos próprios usuários em suas páginas pessoais ou em murais de amigos e até mesmo em comunidades ou páginas dedicadas exclusivamente a constituir um repositório de frases/textos específicos (de um autor, de um estilo, de um tempo, espaço específicos etc.). Para realização da seleção dessas *mensagens* utilizamos a página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector* que funciona como um repositório de *mensagens compartilhadas* desses dois autores contemporâneos. No decorrer de nossa análise na iniciação científica, uma das mutações com a qual nos deparamos, e sobre a qual nos dedicamos neste trabalho de conclusão de curso, é relativa ao funcionamento da autoria na composição dessas *mensagens*. São vários os procedimentos de atribuição de autoria que vemos serem empregados nestas *mensagens compartilhadas*, tais como a atribuição equivocada de autoria, o emprego de frases de textos que na origem não necessariamente fariam parte da “obra” de um autor (entrevistas e cartas), a atribuição de autoria ao conjunto da mensagem e não apenas à frase retirada da obra de um autor, etc. Para identificarmos esse funcionamento específico da autoria, para nossa análise adotamos como fonte de pesquisa não apenas as *mensagens compartilhadas*, mas também o levantamento de comentários de leitores que reconhecem a autoria (ou não) atribuída às frases que compõem essas mensagens, criticam a atribuição equivocada, ou que avaliam o texto segundo outro regime de recepção (não como obra literária, mas como autoajuda). Para nossa análise, nos apoiamos em princípios teóricos da Análise de Discurso e da História Cultural da leitura, com base no que ambas as teorias discutem acerca das mutações nas formas de produção e circulação de textos. Com nosso trabalho esperamos contribuir com as pesquisas sobre as práticas de escrita e de leitura da atualidade, de modo a levantarmos alguns indícios desse *novo* leitor/autor que emerge com as novas tecnologias digitais.

Palavras-chave: Enunciados Destacados; Redes Sociais; Análise do Discurso; História Cultural; Leitura.

ABSTRACT

In this term paper, we describe and analyze more systematically the questions that came up from the research project *Práticas de escrita e de leitura na rede: uma análise das mensagens compartilhadas e dos procedimentos de sua formulação linguístico-discursivas*, developed during our graduation, in which we study a kind of peculiar and current text, which presents itself as "phrases", some taken from literary works, which are to circulate autonomously in social networking pages, in particular, on Facebook. This operation (production, circulation and reception) implies certain changes in the practices of writing and reading today. Regarding this and its autonomous functioning and its particular characteristics, we classified these as *shared messages*. These are highlighted statements, especially of literary works, which are selected, adapted, added images, which have the effect of modifying to some extent the "meaning" of these statements. These *messages* are posted by the users on their personal pages or murals friends and even in communities or pages. To select these messages we use the homepage *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector* that functions as a repository of shared messages of these two contemporary authors. In the course of our analysis in scientific research, one of the changes in which we are faced, and which we focus in this term paper, is relative to the operation of authorship in the composition of such messages. Several procedures for assigning authorship we see being employed in these *shared messages*, such as the mistaken attribution of authorship, the use of phrases in the source texts that would not necessarily part of the "work" of an author (interviews and letters), the attribution of authorship to the entire message and not just the phrase taken from the work of one author, etc. To identify this specific operation of authorship, for our analysis, we adopted as a research resource not only shared messages, but also the lifting of comments from readers who recognize the authorship, misattribution criticize, evaluate the text according to another scheme reception (not as a literary work, but as self-help). For our analysis, we rely on theoretical principles of Discourse Analysis and Cultural History of Reading, based on both theories argue about the changes in the forms of production and circulation of texts. With our work we hope to contribute to the research on the practices of writing and reading today, so we raise some evidence of this new reader/author who emerges with the new digital technologies.

Key-words: Detachability; Social Networks; Discourse Analysis; Cultural History; Reading.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CONSTITUIÇÃO DAS <i>MENSAGENS COMPARTILHADAS</i>: METODOLOGIA DE PESQUISA	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS CONCEITOS DE ENUNCIADO, DESTACABILIDADE, HOMOLOGIA E APROPRIAÇÃO	15
3.1 CONCEITO DE ENUNCIADO	15
3.2 CONCEITO DE DESTACABILIDADE	17
3.3 CONCEITO DE HOMOLOGIA	18
3.4 CONCEITO DE APROPRIAÇÃO	20
4. ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS DE CONSTITUIÇÃO DAS <i>MENSAGENS COMPARTILHADAS</i>	21
4.2 CONTROLE DOS EFEITOS DE SENTIDO: MODIFICAÇÕES NAS ESTRATÉGIAS DE FORMULAÇÃO DAS <i>MENSAGENS</i>	24
5. EXERCÍCIO DA FUNÇÃO AUTOR: CONCEITO DE AUTORIA	28
5.1 QUEM DISSE O QUÊ: OS COMENTÁRIOS DOS LEITORES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA ÀS <i>MENSAGENS COMPARTILHADAS</i>	32
5.2 REPOSITÓRIOS DAS MENSAGENS COMPARTILHADAS: “VELHAS” PRÁTICAS EM NOVOS MEIOS	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1. INTRODUÇÃO

As novas tecnologias digitais de informação e comunicação, atualmente, ganham e exercem grande influência em nossas práticas diárias e também em nossas práticas de leitura e escrita. Nossas atividades cotidianas de comunicação são desenvolvidas, em grande parte, à frente da tela do computador e de outros dispositivos eletrônicos, como Tablets, Smartphones, entre outros. Um dos aspectos mais marcantes dessas mutações de nossas práticas com a criação das redes sociais foi a ampliação de espaços para a criação e compartilhamento de informações em um curto espaço de tempo. Os textos acabam ganhando novas circulações: se antes circulavam apenas sob a forma impressa, agora, passam a circular em meios digitais, embora, ainda regidos pelas regras da ordem do impresso.

Além disso, com a estrutura absolutamente inaudita da disposição do texto na tela existe sempre o esforço para impor nossos critérios e estruturas, pertencentes ao livro impresso, sobre o texto eletrônico [...]. Desta maneira, há em todo momento uma espécie de vontade, consciente ou inconsciente, de domesticar uma nova profissão, uma nova forma de livro, uma nova forma de suporte do texto, a partir do que era tradicionalmente conhecido e manejado com familiaridade. Estas defasagens são um tema importante. Em relação à tela como suporte do texto ou de multimídia, vemos esta domesticação por meio das categorias e critérios que ainda são os do livro impresso. (CHARTIER, 2001, p. 149)

Não é apenas quanto à circulação que os textos são afetados, mas também, quanto à maneira pela qual nos apropriamos deles. No computador são as práticas tradicionais de manuseio do livro impresso, do códex, que são modificadas. Os textos sofrem uma homogeneização, uma vez que são recebidos todos pelo mesmo meio, desfazendo a forma material dos textos que permitia distingui-los e categorizá-los (livro, revista, jornal, folha de papel avulso etc.). Isso produziu, sem dúvida, uma quebra nas hierarquias que já se encontravam relativamente estabilizadas na cultura impressa.

Diante desse cenário de mutação de dispositivos tecnológicos e a inserção de novas práticas de leitura e escrita e dessas mutações entre os textos, nos saltam aos olhos o emprego de “frases” de autores conhecidos, preferencialmente da área da literatura, na composição dos perfis dos usuários de redes sociais. O objetivo do compartilhamento dessas “mensagens”, que são produzidas a partir da seleção de frases “ilustradas” com imagens e estilizadas com fontes diversas, parece ser o de sintetizar de algum modo o estado de espírito, os valores, as

crenças, os gostos daquele que as emprega em seu perfil no exato momento de sua postagem. É também um modo de compartilhar mensagens de autores famosos, podendo assim aumentar o alcance e disseminação dos textos destes autores, ainda que de forma controversa, dadas a fragmentação dos textos, as mutações nas formas de sua recepção, as atribuições equivocadas de autoria e autoria difusa desses textos. Com isso, o usuário goza dos atributos simbólicos que normalmente se atribui a quem lê, a quem lê literatura, a quem enfim lê literatura contemporânea, conhece e admira autores cujo sucesso é amplamente reconhecido no campo literário cujo prestígio e valor culturais de que gozam são, em alguma medida, transferidos àqueles que deles se dizem leitores, àqueles, enfim, que os comentam, construindo assim, uma imagem de si como leitor, logo, como sujeito social.

Esses usos refletem uma mudança no modo como nos apropriamos¹ contemporaneamente de textos literários ou ditos como tais: eles não mais são apropriados em sua totalidade e em seus suportes de origem, mas sob a forma reduzida e similar de “minutos de sabedoria” ou de mensagens ao estilo autoajuda. Tratam-se de versos, frases, ou enunciados diversos, oriundos de (ou atribuídos a) obras de autores consagrados da literatura canônica, nacional e internacional, e que são disponibilizados nesses espaços da rede a conta gotas, ou seja, de forma destacada de seu texto original e de forma estilizada, com imagens e com fontes diversas.

Dedicamo-nos a estudar esse fenômeno das “frases” compartilhadas na internet, em nossa pesquisa de iniciação científica intitulada *Práticas de escrita e de leitura na rede: uma análise de mensagens compartilhadas e dos procedimentos de sua formulação e circulação linguístico-discursiva*,² na qual, buscamos abordar alguns fenômenos que regulam o modo de produção e circulação dessas *mensagens compartilhadas*, tão populares na rede atualmente, produzidas ou não a partir de textos de origem literária. Através da análise dessas *mensagens* foi possível observar as estratégias linguístico-discursivas utilizadas nos procedimentos de seleção, destacamento, ilustração e circulação desses enunciados o que possibilitou, assim, traçarmos o perfil desse *novo*³ leitor.

¹Utilizamos aqui do conceito de apropriação presente na obra do historiador cultural Roger Chartier. No capítulo 3.4 deste trabalho, detalhamos a importância desse conceito para nossa análise.

²Apoio CNPq - Processo N.138935/2012-2 vigência de agosto de 2012 a julho de 2013.

³Como ‘*novo* leitor’ entendemos não aquele que acabou de ser alfabetizado, mas como “aqueles que, em diferentes períodos da história, tiveram acesso a textos que não lhes tinham sido originalmente destinados, por pertencerem a grupos sociais distintos daqueles dos produtores dos textos e dos leitores por estes visados. Assim, esses textos, oriundos de um espaço cultural muitas vezes elitizado cujos valores, modelos e formas de interpretação eram, em alguma medida, estranhos a leitores populares, mas por razões de produção e circulação editorial inesperadas, chegaram às mãos destes seus novos leitores. (CURCINO, 2012, p. 2)”. Para maior

Para nossa análise, selecionamos a página intitulada *O Mundo de Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu*⁴, que conta até o momento com 91.971 manifestações de usuários da rede que curtiram a página⁵. A página constitui-se basicamente da apresentação e disponibilização⁶ de mensagens compostas exclusivamente com frases pertencentes ou simplesmente atribuídas à obra de dois autores brasileiros contemporâneos, *Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*.

Entendemos que esses enunciados destacados e compartilhados nas redes sociais, ganham um estatuto autônomo, diferentemente daquele que figuravam nas obras literárias. Chamamos assim, de *mensagens compartilhadas*, os enunciados destacados de obras literárias de diversos autores que sofrem seleção, destacamento e adaptação de seu enunciado de origem. Além disso, também são acrescentados de ilustrações e/ou imagens que visam à construção de um texto sincrético, com a finalidade de serem compartilhados pelos usuários dessas redes em seus próprios perfis ou de amigos.

A vinculação dessas *mensagens* se dá através das redes sociais em páginas⁷ e murais pessoais do *Facebook*. Muitas são as páginas que se dedicam ao compartilhamento dessas *mensagens*, e em uma busca rápida pela rede podemos encontrar diferentes páginas que tratam de *mensagens* atribuídas a Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector, por exemplo.

A página de nossa análise realizou sua primeira postagem em 20 de dezembro de 2011 e se dedica desde então a ser uma “página totalmente dedicada aos encantos de Caio Fernando

aprofundamento conferir Hébrard (2009).

⁴ Disponível em: www.facebook.com/mundodecaioeclarice. Acesso em: 23 nov. 2013

⁵ O número de “curtidas” no *Facebook* indica quantos usuários consideram a página consultada interessante, demonstrando isso através do botão “gostar” (like) disponível em todas as páginas. Em vista de nossa análise, optamos pela escolha de uma página que compreendesse o maior número de usuários, uma vez que buscamos descrever traços do perfil da comunidade leitora em questão, a saber, aqueles que produzem, curtem e comentam essas “mensagens compartilhadas”. Partimos do pressuposto de que a escolha de uma página com maior número de usuários envolvidos auxiliaria na obtenção de resultados, se não mais significativos, ao menos mais frequentes, sobre o perfil desses leitores.

⁶ Atualmente a página passa por modificações quanto a suas postagens e conteúdos, com ampliação para frases oriundas de outros autores. Isso não prejudicou nossa análise tendo em vista que consideramos apenas as postagens feitas diretamente pela página e não os compartilhamentos oriundos de outras páginas, visto que, muitas vezes esses outros compartilhamentos não se restringem à postagem de mensagens oriundas de textos dos autores literários em questão.

⁷ É necessário compreender a diferença entre *página* e *perfil* em uma rede social como o *Facebook*. Como *perfil*, entendemos ser o espaço para que sejam postadas, isto é, exibidas todas as atividades do usuário, podendo-se compartilhar fotos, vídeos, mensagens. Considera-se a “autoria” e responsabilidade sobre esse material como de responsabilidade dos usuários e de seus amigos (que também podem efetuar postagens no perfil do usuário). No perfil é possível registrar um amplo conjunto de informações sobre o usuário como também registrar suas preferências quanto às páginas que “curte”, a lista de seus amigos da rede social e suas postagens gerais. Já a *página* é o lugar em que são apresentadas informações sobre artistas, músicas, filmes, vídeos, literatura ou empresas para que os usuários possam ser informados de todas as atividades que são realizadas (o administrador da página fica responsável pela atualização dessas informações). Muitas empresas, atualmente, têm usado as páginas (*fanpages*) como um canal de aproximação com seus consumidores.

Abreu e a Clarice Lispector”. A última postagem efetiva da página foi realizada no dia 21 de dezembro de 2012, contando com 1.278 *mensagens compartilhadas*.

Em nossa análise, partimos para o estudo das *mensagens compartilhadas* postadas diretamente pela página e não oriundas de compartilhamentos terceiros, uma vez que, nosso interesse foi de verificar as estratégias de formulação dessas *mensagens* durante um determinado período.

No ambiente virtual, principalmente nas redes sociais, as páginas podem desaparecer com a mesma velocidade com que surgem. Para garantir que nossa análise não fosse prejudicada por uma eventual extinção da página, optamos por salvar em nosso computador todo o material de análise disponível (em arquivos *offline*), formando nosso arquivo de pesquisa, para, então, retirarmos o *corpus* a ser analisado efetivamente durante o processo de desenvolvimento de nossa pesquisa.

Durante a análise das *mensagens compartilhadas* observamos a recorrência, nos comentários dessas *mensagens*, certos questionamentos acerca da autoria das mesmas, denúncias de atribuições equivocadas e perguntas direcionadas acerca das obras que foram usadas para a escolha dessas “frases”, isto é, qual a obra fonte para a seleção desses enunciados. Isso sinaliza algumas das formas simbólicas do funcionamento da autoria na contemporaneidade e de como esse regime de destacabilidade de frases de origens textuais diversas atua na produção de alguns gêneros discursivos contemporâneos. Neste trabalho de conclusão de curso, temos nos dedicado a compreender o funcionamento da autoria nesses textos que designamos como *mensagens compartilhadas* de modo a levantar suas características e os fatores que regulam sua constituição, formulação e circulação.

2. A CONSTITUIÇÃO DAS MENSAGENS COMPARTILHADAS: METODOLOGIA DE PESQUISA

Em nosso projeto de iniciação científica, no qual, analisamos as estratégias e os procedimentos de formulação, seleção e destacamento, além de ilustração dos enunciados destacados das obras de autores contemporâneos da literatura, cunhamos o termo *mensagens compartilhadas*, tendo em vista que o funcionamento desses enunciados destacados se difere daquele a qual é atribuído nas obras literárias. No *Facebook*, essas “frases” ganham grande circulação através da possibilidade de compartilhamento em páginas ou perfis. No entanto, não é apenas a função do compartilhamento que nos interessa aqui, mas também a

possibilidade de comentários nas postagens dessas *mensagens compartilhadas*. Muitos dos leitores dessas *mensagens* comentam o conteúdo das postagens diferentemente do estatuto que é dado aos leitores de obras literárias. Os leitores das *mensagens compartilhadas* se identificam com as *mensagens* e reconhecem nelas a grandeza dos autores a que são atribuídas, através do estilo de escrita de cada autor.

Para nossa análise, ampliamos nosso material de pesquisa de modo a compreender 104 *mensagens compartilhadas* que mostram as diferentes estratégias de formulação e também abarcam os diversos comentários realizados pelos usuários que compartilham essas *mensagens* evidenciando as mais diversas formas de apropriação desses textos e também as indagações quanto à atribuição de autoria.

Realizamos um *screenshot* das *mensagens compartilhadas*, tendo em vista que se utilizássemos apenas a opção “salvar imagem”, essa ação não compreenderia a totalidade de cada *mensagem compartilhada*, já que os enunciados destacados, em muitas postagens, estão fora das imagens selecionadas e também perderíamos os comentários que são de extrema importância em nossa análise. A cada *mensagem* selecionada, empregamos como forma de registro para catalogação o nome do autor, o dia, mês e ano da postagem da *mensagem*, facilitando assim a nossa consulta e posteriormente análise das mesmas.

Em nossa delimitação do *corpus* levamos em consideração uma certa divisão/agrupamento das mensagens por temas, que é sinalizada pelos próprios produtores das *mensagens compartilhadas* com base no que consideram ser o tema principal dos textos: amizade, amor, felicitações, relacionamentos, esperança. Assim, identificamos nessa própria forma de catalogar os textos alguns indícios das motivações (dos leitores e produtores dessas mensagens) para a seleção dos enunciados, para sua ilustração e circulação conforme essas categorias. Essa sinalização não se dá de forma explícita pelos produtores das mensagens. Foi apenas na observação da divisão temática realizada, isto é, nos temas que figuram nas mensagens que são relativos à amizade, amor, auto conhecimento e entre outros temas, que observamos essa divisão.

Portanto, para a apreensão de traços do perfil dessa comunidade leitora nos valem não apenas da análise das frases selecionadas nos textos desses autores, mas dos procedimentos de que se valem esses sujeitos para a construção das mensagens, e que refletem suas representações de práticas de leitura na atualidade, de modo geral, e das práticas de leitura próprias da comunidade de leitores a que pertencem e com a qual compartilham gostos, habilidades e táticas de apropriação dos textos (na produção e na recepção dos

mesmos).

As estratégias de condensação de textos (recorte, seleção, sintetização) a preferência temática que norteia a seleção desses enunciados de acordo com a capacidade desses dizeres de produzirem reflexão sobre questões do humano e do cotidiano, abrangentes e funcionais, uma vez que se acredita poderem ajudar, inspirar, animar a muitos em vários aspectos (afetivos, profissionais, de saúde etc).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS CONCEITOS DE ENUNCIADO, DESTACABILIDADE, HOMOLOGIA E APROPRIAÇÃO

Para compreendermos o funcionamento das *mensagens compartilhadas* discutiremos alguns conceitos que, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa, assim como da História Cultural da Leitura, nortearam nossa pesquisa.

São eles: o conceito de *enunciado*, o conceito de *destacabilidade*, o conceito de *homologia* e o conceito de *apropriação*.

3.1 CONCEITO DE ENUNCIADO

O conceito de “enunciado” não é apenas fundamental para nosso trabalho, como o é para a Análise de Discurso e para a Linguística de maneira geral. Ele diz respeito à unidade mínima, aquela a partir da qual é possível aceder ao *discurso*, à *formação discursiva*, ao *arquivo* socio-histórico acerca de um dado tema/objeto simbólico. Quando analisamos discursos é por meio do enunciado, de sua materialidade (linguística ou não, sincrética ou não) que atua como indício dos discursos que “autorizam”, controlam sua significação, que podemos identificar as coerções (a *ordem discursiva*) que atuam sobre todo dizer e sobre sua interpretação.

Por essa razão, pautamo-nos nas considerações de Michel Foucault acerca desse conceito, presentes de modo geral em sua obra *A Arqueologia do saber* e de maneira mais pontual em seu texto *A ordem do discurso*. Segundo o autor:

[...] à primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; [...] como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 2008, p. 90).

Ele se distingue, no entanto, de outras unidades tradicionais como a proposição (dos lógicos), a frase (dos gramáticos) e os atos de fala (dos pragmaticistas). Diferentemente dessas unidades, o enunciado não se confunde exclusivamente com uma unidade linguística, *stricto sensu*. Ele pode constituir-se de materialidades distintas que, no entanto, materializam sua unidade, sua totalidade. Ele também não se confunde com a extensão material dessas unidades linguísticas de que se ocupam os lógicos, os gramáticos e os pragmaticistas. Sua extensão material pode se limitar a de uma proposição, a de uma frase ou a de um ato de fala, como também pode variar e contemplar a dimensão de páginas.

A distinção do enunciado dessas demais unidades diz respeito, segundo Foucault, a vários aspectos. O primeiro deles ao fato de que todo e qualquer enunciado deve ser considerado em sua existência singular, ou seja, de enunciado efetivamente dito ou escrito cuja emergência precisa ser explicada visando responder por que surgiu este dado enunciado e não outro em seu lugar? A resposta a essa questão é o princípio básico da análise de discursos: explicar as condições de emergência do dizer, as quais delimitam sua interpretação.

Para responder a essa questão, segundo Curcino (2010a; 2013), o filósofo afirma que mais do que propriamente uma unidade, o enunciado é uma “função”, que se caracteriza por ter um “referencial” (algo do que fala, num dado momento, num dado espaço); por apresentar uma “modalidade enunciativa” (que impõe àquele que enuncia, falar de um lugar e de uma dada forma); por estar ligado a um “domínio associado” (um conjunto de enunciados, com os quais estabelece relações semânticas de similaridade ou de distanciamento); por ter uma “existência material repetível” (ou seja, uma materialidade não apenas concreta, fisicamente identificável, mas também uma origem institucional comum que rege essa sua possibilidade de repetição, mesmo quando se tratar de enunciados concretamente distintos).

Essa última característica do enunciado é muito importante para nosso trabalho uma vez que, como diagnosticou Curcino (2012), embora possam ser materialmente idênticos os enunciados retirados das obras dos autores literários e empregados nas *mensagens compartilhadas* que circulam na rede, isso não significa que sejam o mesmo enunciado, que apresentem o mesmo funcionamento e alcance, que sejam (re)produzidos e interpretados segundo as mesmas regras discursivas exatamente porque seu funcionamento enunciativo não é o mesmo, não conta com a mesma origem institucional e não é manipulado e recebido segundo esse pertencimento institucional. Assim um pode ser produzido e lido segundo as regras do campo literário e o outro segundo as regras definidas pela forma de apropriação e

de circulação virtual dessas mensagens, o que em alguns casos o aproximaria mais de textos de autoajuda, como veremos em nossa análise.

3.2 CONCEITO DE DESTACABILIDADE

Em nossa análise observamos que o funcionamento das *mensagens compartilhadas* se dá a partir da seleção de enunciados de obras de autores específicos. Essa seleção ocorre a partir do destacamento desses enunciados do conjunto textual onde figuravam originalmente como uma estrutura textual mais ou menos estabelecida. Para compreendermos melhor o seu funcionamento e suas propriedades de destacabilidade, apoiamo-nos na obra de Dominique Maingueneau, especificamente em seu livro *Cenas da Enunciação*, no qual o autor aborda de maneira sistemática e didática o conceito, ou princípio, de *destacabilidade* de enunciados que tem regulado uma série de práticas de produção e leitura de textos da atualidade.

A condição de *destacabilidade* de que gozam certos enunciados em relação aos demais que figuram em um mesmo texto pode ser explicada por aspectos próprios de sua estrutura linguística que lhe configurariam sua completude e por isso independência formal (prosódia, rimas internas) e semântica (metáforas, antíteses, etc.) aos olhos daqueles que os recortam de seu contexto e que permitiriam serem destacados mais facilmente do texto do que os demais enunciados.

Maingueneau (2008, p.75), nos diz que em nossa sociedade verificamos a circulação de muitos enunciados, os quais podemos designar como fórmulas, “enunciados curtos, cujo significante e significado são considerados no interior de uma organização pregnante [...] o que [explicaria serem tão] facilmente memorizados.”.

Essas *fórmulas* funcionariam de duas maneiras distintas. A primeira corresponderia ao funcionamento como enunciado autônomo, cujo sentido mais geral se estabeleceria de forma imediata e generalizante entre muitos interlocutores, não exigindo-lhes que sejam especialistas no que a fórmula enuncia em função de sua origem discursiva. Esse parece ser o caso observado em nossa pesquisa, uma vez que podemos entender que grande parte dos *novos* leitores das *mensagens compartilhadas* não conhecem os textos de origem dos enunciados que ali circulam e em muitos casos não se preocupam em averiguar, questionar a sua autoria e os interpretam da maneira como *podem* e como *devem* segundo as regras de uso comuns em sua comunidade leitora de referência, o que os leva, por vezes, a compreender essas mensagens segundo a chave da autoajuda, isto é, conforme Possenti (2001) nos explica

sobre as razões de múltiplas leituras realizadas pelos leitores, que leem da maneira que lhes é possível e devida:

[...] a) o leitor pode associar a determinado discurso em vez de associá-lo a outro, e por isso faz dele uma leitura e não outra. [...] b) o leitor lê o texto segundo uma chave “fechada, que ele já domina (ideológica ou disciplinar), e acaba lendo no texto o que já “sabia” antes, mesmo que o texto diga outra coisa. [...] c) a ocorrência de certas palavras ou expressões no texto permite que o leitor faça associações mais ou menos livres entre o que lê e outros temas, pelo fato de esses temas aparecerem frequentemente associados às mesmas palavras (isto é, o leitor lê sem levar em conta gêneros, Formação Discursiva, campos diversos, doutrinas eventualmente opostas etc.). Cada uma dessas razões mostra como um texto pode alternativamente ser associado a outros textos, já lidos e com os quais os leitores mantêm relações diversas (de crença, de ideologia, de conhecimento etc.). (POSSENTI, 2001, p. 25-26)

A segunda maneira, segundo o autor, seria aquela do funcionamento desses enunciados como citações, que marcariam implicitamente, de parte daquele que enuncia, uma posição específica (contrária ou não) em relação ao que é enunciado pela fórmula, pela mensagem.

Alguns enunciados seriam mais destacáveis que outros, em função de aspectos formais e semânticos que pudessem ser explorados como definindo uma completude. Outros, no entanto, não possuem a propriedade de *destacabilidade*, embora sejam destacados e empregados segundo o estatuto de *fórmula*. Enunciados literários, cuja totalidade não costuma se limitar a unidades breves como as que figuram nas *mensagens compartilhadas* são um exemplo de como textos que de início não permitiriam essa destacabilidade por razões semânticas, de gênero, enfim discursivas, são suscetíveis a esse procedimento que se tornou tão frequente com a emergência das formas de produção, circulação e recepção virtuais dos textos.

3.3 CONCEITO DE HOMOLOGIA

Na constituição das *mensagens compartilhadas* a confluência entre linguagem verbal e linguagem imagética é fundamental para compreendermos os modos de produção de significação, isto é, as relações semântico-discursivas que podem se estabelecer nos textos das *mensagens* entre os recursos imagéticos e os recursos linguísticos empregados em sua construção. Para compreendermos esse funcionamento nos apoiamos no conceito de *homologia*, proposto por Émile Benveniste (2006) ao tratar da questão da *semiologia da*

língua, buscando compreender certas relações que se estabelecem entre diferentes sistemas semióticos na construção de textos. Nos apoiamos ainda nas considerações feitas por Curcino (2010b) que, com base na reflexão de Benveniste (2006) discute algumas relações de homologia e de não-homologia que podem se dar quando da construção de certos textos sincréticos, como o que de nos ocupamos neste trabalho. A homologia:

Trata-se, segundo Benveniste, da relação que se pode estabelecer entre dois sistemas semióticos diferentes, atuando como um princípio unificador de valores semióticos ou criando novos valores. Ela pode variar significativamente dependendo da maneira como os dois sistemas são colocados juntos. (CURCINO, 2010b, p.3)

Em seu trabalho, Curcino (2010b) constata que são exploradas diferentes relações de homologia na construção de textos contemporâneos que circulam na mídia impressa. As relações de homologia se multiplicam na tentativa de “traduzir” de maneira mais atrativa e orientada semanticamente os textos que noticiam os eventos nacionais e internacionais de que ocupam essas instituições jornalísticas para o maior número de leitores possível. Essa exploração das relações de homologia tem objetivos distintos: facilitar o acesso ao assunto com o emprego de uma imagem que é traduzida verbalmente e vice-versa, controlar os sentidos que podem ser atribuídos a uma imagem, por meio de informações verbais, etc. Logo, as relações de homologia podem se distinguir de duas maneiras por meio do princípio de *diferença* ou da *analogia*:

ou seja, a co-presença de linguagens distintas em um texto pode, por um lado, ser baseada em uma espécie de “cooperação”, em que ambas se norteiam pelo princípio de tentar “enunciar” a mesma coisa (por exemplo, a imagem pode ratificar, confirmar, reafirmar, exemplificar o que foi enunciado verbalmente). [...] Por outro lado, essas linguagens podem, na constituição de um texto e estabelecendo uma forma de cooperação outra, nortear-se pelo princípio da diferença e até mesmo da “contradição”. Assim, enunciarem coisas distintas embora se apresentem como elementos de uma totalidade textual. (CURCINO, 2010b, p. 3)

Podemos observar em nossa análise a presença dessas duas formas de relação de homologia, por diferença e por analogia, nas diferentes *mensagens compartilhadas*. Muitas vezes, a utilização desse princípio tem como objetivo chamar a atenção para os enunciados destacados e seu conteúdo, no entanto, acabam tendo efeito contrário, atraindo a atenção do público-leitor para as imagens selecionadas, o que se pode constatar pelos comentários que são postados a respeito do texto e que se dedicam a comentar com exclusividade as imagens

empregadas. Isso indicia o funcionamento bastante peculiar e que procuraremos descrever em nossa análise das formas de produção e recepção das *mensagens compartilhadas*.

3.4 CONCEITO DE APROPRIAÇÃO

Em nosso trabalho tomamos as *mensagens compartilhadas* como um produto próprio de uma forma peculiar de apropriação dos textos por parte de seus leitores (tanto aqueles que produzem as *mensagens* quanto aqueles que as comentam e compartilham). Por essa razão, faz-se necessário explicitarmos, ainda que muito brevemente, alguns aspectos do conceito de *apropriação* conforme ele é discutido pelo historiador cultural Roger Chartier em seus trabalhos.

Segundo o historiador, há duas dimensões etimológicas que podem ser tomadas para a compreensão desse termo, uma que é da ordem do controle dos discursos, isto é, apropriar-se de um texto é, de algum modo, influenciar/participar de sua formulação, produção e circulação. O termo apropriar-se, nessa situação, refere-se portanto ao ato de tomar posse, de controlar em alguma medida o texto: “o conceito de apropriação foi utilizado por Michel Foucault para descrever todos os dispositivos que tentam controlar a difusão e a circulação dos discursos, estabelecendo a propriedade de alguns sobre o discurso por meio de suas formas materiais.” (CHARTIER, 2009, p. 67).

A outra dimensão etimológica de que fala Roger Chartier, diz respeito ao que os indivíduos, em nosso caso, os leitores dessas *mensagens*, fazem com o que recebem, ou seja, no sentido dos usos de que se valem e das interpretações que realizam dos textos com os quais são confrontados. Sendo assim, o autor nos alerta que, “dessa maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos.” (CHARTIER, 2009, p.67), uma vez que cabe ao leitor, parte decisiva do funcionamento discursivo de um texto, o modo enfim como esse texto é compreendido, segundo as competências, disposições e interesses dos leitores e das comunidades de leitura a que pertencem.

Para estudar e compreender a variação e as regularidades no modo das apropriações dos textos por parte dos leitores uma das fontes importantes para isso são as traduções e resenhas de textos, que, em suas variações de escolhas lexicais ao longo do tempo, que, em seus comentários críticos, deixam os indícios a partir dos quais estudiosos da leitura podem aceder aos discursos, enfim, às representações dos leitores e da leitura nelas presentes,

conforme o autor afirma em *Cultura Escrita, Literatura e História*. Ao falar das resenhas, Chartier faz questionamentos quanto ao tipo de texto que é escolhido, aos fragmentos que são selecionados, a sua reescritura e o que muda no texto, o que nos leva a aplicar essas mesmas perguntas às *mensagens compartilhadas* que, ao sofrerem apropriações de seus produtores e leitores em seus processos de edição do texto, nos fazem retomar essas questões de modo a compreendermos como são feitas essas apropriações e porque se diferem em sua forma de apropriação.

Uma das explicações está no modo como são selecionadas as *mensagens*, ou seja, no processo de seleção dos enunciados destacados, no modo como são organizados em temáticas presentes no campo da autoajuda, no modo como são dados a ler na nova forma que adquirem em sua circulação digital nessas páginas da internet, fazendo com o que os leitores se apropriem desses textos diferentemente do regime literário a que outrora estavam submetidos como no caso das *mensagens* que analisamos.

4. ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS DE CONSTITUIÇÃO DAS MENSAGENS COMPARTILHADAS

Após delimitarmos os conceitos que nos orientaram em nossa análise, abordamos aqui certas estratégias de seleção, destacamento, adaptação e ilustração que compõem os enunciados que constituem nosso *corpus*. Utilizamos como material de análise as *mensagens compartilhadas* oriundas da página do Facebook, *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*, como já mencionamos no início de nosso texto. A constituição desses enunciados destacados, isto é, a forma como são recortados e estilizados nos levou designarmos-os por *mensagens compartilhadas*, considerando que, ao serem recortados das obras literárias de onde advém e sofrerem processos de edição, esses enunciados deixam de possuir o estatuto anterior e adquirem um novo estatuto de “enunciados literários destacados” que circulam em páginas de redes sociais, com a finalidade de traduzirem as emoções, desejos e pensamentos daqueles que os compartilham.

Diante de nossa seleção e delimitação de nosso material de análise, separamos 104 *mensagens compartilhadas* que nos permitiram verificar alguns procedimentos de atribuição de autoria, seus questionamentos e também suas validações. É importante reafirmarmos a importância da divisão temática que é feita pelos próprios produtores, isto é, através de

escolhas temáticas dos enunciados que circularão na constituição das *mensagens*, pois elas auxiliam a compreender a forma como esses leitores se apropriaram dos textos.

Para tal, dividimos o total das 104 mensagens referidas em 3 conjuntos, a saber: **a) mensagens de auto conhecimento**, que compreendem mensagens mais explicitamente voltadas para autoajuda, para busca e motivação de conhecimento pessoal; **b) mensagens de cunho religioso**, contendo conselhos relativos à busca espiritual ou cujo conteúdo refira-se à palavra *Deus*; **c) mensagens de aconselhamento sobre relacionamentos**, que exploram a temática dos relacionamentos amorosos, suas decepções, suas conquistas e também dos relacionamentos no campo da amizade. De modo a contemplar proporcionalmente o que ocorre em relação à totalidade das mensagens postadas na página, entre as 104 mensagens do *corpus* de análise, 62 pertencem ao conjunto das **mensagens de auto conhecimento**, 7 às de **cunho religioso** e 35 às de **aconselhamento sobre relacionamentos**.

As *mensagens compartilhadas* são compostas de um enunciado destacado e de uma imagem e/ou ilustração que visa de alguma forma a sintetizar o sentido que deve ser apreendido dessas “frases” numa relação de *homologia* que, em muitos casos, a relação entre o texto verbal e imagético é apreendida de modo distinto ao que era efetivamente esperado pelos produtores das *mensagens*, estabelecendo antes uma relação de *não-homologia* (como é pode ser exemplificado com a figura 02). Essa relação de não-homologia levou aos administradores/produtores da página a alterarem as estratégias de formulação das *mensagens*. Nosso primeiro exemplo é uma *mensagem compartilhada* atribuída a Caio Fernando Abreu postada em 24 de dezembro de 2011:

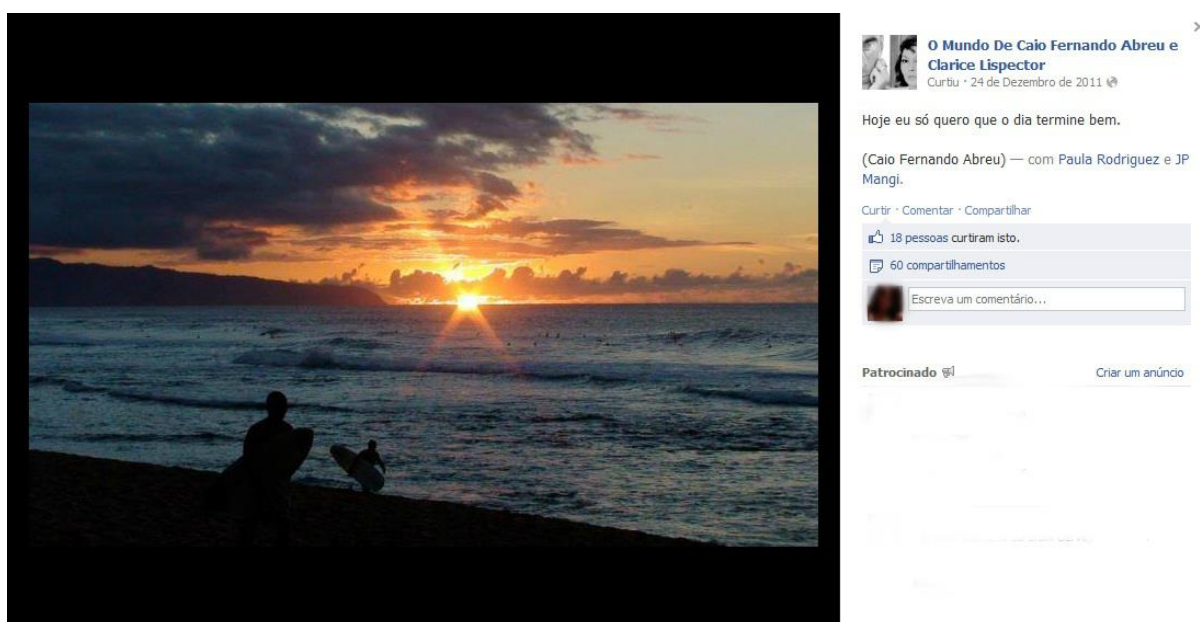


Figura 01 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu

Na figura 01, podemos observar quais elementos compõem as *mensagens compartilhadas*: o enunciado destacado da obra literária, nesse caso, atribuída a Caio Fernando Abreu, a atribuição de autoria do trecho destacado (entre parênteses) e o acréscimo de uma imagem que visa de alguma forma traduzir o que é dito pela frase. Verificamos que a página do *Facebook* permite que os usuários possam “curtir” a publicação (*mensagens*), comentá-la e compartilhá-la. No caso de nosso exemplo, verificamos que 18 pessoas curtiram, 60 compartilharam e não houve nenhum comentário.

Ainda considerado esse enunciado em questão, verificamos que o trecho recortado pode ser atribuído a qualquer enunciador, uma vez que aparenta ser um enunciado recorrente, repetível e de fácil memorização e também conhecido por fazer parte de letras de músicas⁸. Conforme o princípio de *destacabilidade* discutido por Maingueneau (2008), o autor diferencia esses enunciados que são apropriados para circularem independentemente de seus textos de origem em aqueles que são efetivamente *destacados* e aqueles que são *destacáveis*, em função de sua estrutura. Os enunciados destacados são aqueles, segundo o autor, pertencentes a “textos que marcam umas ou outras de suas sequências como destacáveis.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 79), uma vez que o texto, como um todo, não é de fácil memorização e por isso não permite que qualquer recorte se transforme em enunciados destacáveis. Segundo o autor, estes “não são necessariamente provenientes de sequências destacáveis”, mas em função de algumas de suas características eles podem vir a exercer esse papel. Os enunciados destacáveis, por sua vez, “são asserções generalizantes que enunciam um sentido completo; são curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 77).

No caso desse nosso enunciado, verificamos que podemos classificá-lo como *destacável* uma vez que a sua estrutura permite que sua produção/reprodução e circulação se deem com base em curta duração, em função de sua fácil memorização e reutilização. No entanto, como veremos nas próximas análises, a maioria das *mensagens compartilhadas* não são tidas como enunciados *destacáveis* e sim *destacados* dada a sua estruturação, seu processo de recorte, destacamento, enfim de sua composição.

No exemplo da figura 01 observamos que se trata de um enunciado em há a relação de homologia, tendo em vista que os elementos presentes na imagem (pôr do sol, mar, praia) são relacionados aos trechos do enunciado, isto é, ao final de um dia, ao final de um dia relaxante,

⁸ A música *Simple Desejo* foi gravada por diversos cantores nacionais e é de autoria de Jair Oliveira e Daniel Carlomagno.

podendo ser compreendidos como possíveis efeitos de sentido que relacionam a imagem ao texto.

4.2 CONTROLE DOS EFEITOS DE SENTIDO: MODIFICAÇÕES NAS ESTRATÉGIAS DE FORMULAÇÃO DAS MENSAGENS

Durante 1 ano de alimentação da página, observamos que as estratégias de produção das *mensagens compartilhadas* foram modificadas. Como mostramos anteriormente, essas *mensagens* eram compostas de enunciados destacados e acrescidas de uma imagem e/ou ilustração a fim de construir uma relação de homologia. A partir dos comentários dos próprios leitores, que deixam de cumprir o *script* esperado, ou seja, não comentam sobre o conteúdo das *mensagens*, mas sim as imagens que são vinculadas juntamente ao texto verbal e que visam construir um texto sincrético, observamos que muitas *mensagens* sofreram diferentes estratégias em seus processos de composição.

Para compreendermos melhor o que pode ter vindo a ser a motivação para a alteração dessas estratégias transcrevemos abaixo um desses comentários publicado em relação à postagem do dia 29 de dezembro de 2011, que continha a imagem de uma boca feminina passando um batom feito de confeitos de chocolate, acompanhada do enunciado destacado de Clarice Lispector: “Minhas ideias são inventadas. Eu não me responsabilizo por elas”⁹.



Figura 02 - Mensagem Compartilhada Clarice Lispector

⁹ É importante salientar que o enunciado destacado nesse caso não utiliza o recurso de aspas.

O comentário acerca dessa mensagem, a que nos referimos, é o seguinte: “Esse com certeza não tem chumbo na composição”. O comentário é incompatível com os efeitos de sentido que o enunciado destacado visava construir. Logo, na interpretação da *mensagem*, constatamos ter se estabelecido uma relação de não-homologia uma vez que

essas linguagens podem na constituição de um texto e estabelecendo uma forma de cooperação outra, nortear-se pelo princípio da diferença e até mesmo da “contradição”. Assim, enunciariam coisas distintas embora se apresentem como elementos de uma totalidade textual. Nesse caso, pode se estabelecer um jogo discursivo entre as linguagens e seus diferentes enunciados. (CURCINO, 2010, p. 3)

No comentário desse leitor encontra-se não apenas o indício dessa prática de leitura que prioriza por vezes a imagem ao verbal, que a lê independentemente, mas há aí também um indício de uma postura comum entre os pertencentes à comunidade de leitores mais jovens, que se manifestam nas redes sociais e o fazem com frequência de maneira jocosa, irreverente, dessacralizadora¹⁰.

Observamos que a ocorrência desse tipo de comentário pode ter motivado os produtores das mensagens a alterarem sua estratégia de composição das mesmas, uma vez que em uma postagem realizada no mesmo dia podemos verificar que a constituição das *mensagens compartilhadas* foi alterada. O trecho recortado, passou a figurar no interior da imagem, dessa forma, obrigando o leitor a ler o texto e a imagem ao mesmo tempo, conforme verificamos na *mensagem* do dia 29 de dezembro de 2011:



Figura 03 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu

¹⁰ Cf. CURCINO, L. ANDRETTA, P. I. (2012b).

Após esse acontecimento há uma mescla entre o estilo composicional das *mensagens*, uma vez que algumas postagens ainda se valem apenas da imagem sem o acréscimo de texto em seu interior e outras da nova estratégia. É interessante o fato de que durante um período há o abandono dessa nova estratégia e em outros períodos a utilização da mesma em massa, mas contando com um diferencial, a utilização apenas de letras estilizadas e não de imagens para a composição das *mensagens compartilhadas*.



Figura 04 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu



Figura 05 Mensagem Compartilhada de Clarice Lispector

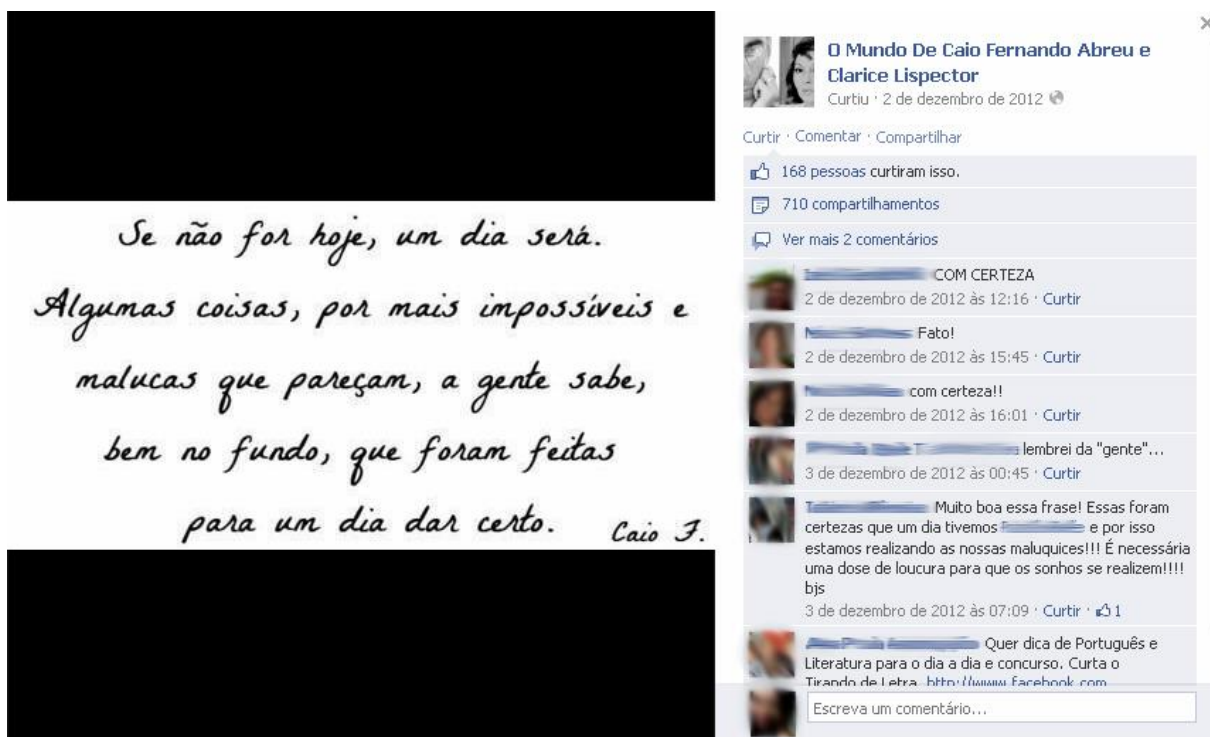


Figura 06 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando de Abreu

Observamos nas figuras 04, 05 e 06, a utilização de fontes diversas na constituição das mensagens. A mescla nas escolhas das fontes e das montagens dessas mensagens nos dão indícios de que as mensagens compartilhadas não são efetivamente produzidas pelos administradores da página, mas antes, oriundas de outras fontes. Não é apenas a questão da diferenciação de fonte que nos aponta para essa hipótese, mas também a postagem em massa

das mais diferentes estilizações em um mesmo dia ou em um período.

5. EXERCÍCIO DA FUNÇÃO AUTOR: CONCEITO DE AUTORIA

Em nossa sociedade é notória a importância da função da autoria nos textos de modo geral, em alguns textos de modo particular. Mesmo nos textos que circulam na internet, onde as formas de regulação da atribuição de autoria ainda são bastante fluidas dependendo das comunidades leitoras que produzem/reproduzem os textos, observamos a importância e a frequência do exercício dessa função autor. Para compreender esse funcionamento de atribuição de autoria na internet, em especial nas *mensagens compartilhadas*, nos apoiaremos na discussão realizada por Michel Foucault em sua conferência *O que é um autor?* e na revisitação feita por Roger Chartier em *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Essa noção é de extrema importância como nos salienta Foucault (1992), uma vez que ela se consagra jurídica e simbolicamente como a marca de um momento histórico de forte individualização, cuja figura do autor, nas diversas áreas do conhecimento (na literatura, ciências e filosofia), sinalizaria essa importância.

Antes de adentrarmos nas minúcias do funcionamento da atribuição de autoria, é importante ressaltar o que Chartier (2012, p.16) nos diz sobre o surgimento das diferentes tecnologias de linguagem que implicam nas noções e ideias como “autoria” e “direito autoral”, isto é, nos é necessário aprofundar mais uma vez nessas noções “com vistas a melhor depreender as transformações nas práticas e representações culturais[...] no intuito de melhor apreender as eventuais continuidades nas formas humanas de agir e pensar.”.

A relação entre noções e ideias de autoria e direito autoral com as transformações nas práticas de leitura e escrita mostra mais uma vez como é de extrema importância nos debruçarmos sobre o funcionamento da autoria nas *mensagens compartilhadas*, o que nos permite compreender seu funcionamento e a necessidade que se faz que seja atribuída autoria aos textos.

Foucault (1992, p.34) propõe como sustentação de sua abordagem sobre a emergência e consolidação dessa “função” discursiva, que é a atribuição do nome de autor a certos textos, mas não a qualquer um, a importância de se compreender a relação que o texto mantém com o autor, isto é, de que modo “a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência” torna necessária a atribuição de autoria aos textos. Em nosso caso, esse é um dos pontos fundamentais para compreendermos a necessidade de

atribuição do nome de autor aos fragmentos de textos que analisamos, observando a relação que se faz necessária no interior do próprio texto e especificamente, nos comentários dos leitores que validam ou reconhecem os equívocos na atribuição de autoria.

Chartier (2012) ainda nos chama a atenção para um ponto importante da compreensão dessa figura que é o autor, considerando-o, na esteira de Foucault, como uma função variável e complexa do discurso e não apenas pela constatação e evidência de sua existência, tanto individual quanto social, ou seja, o que ele entende como autor não é a figura individual ou social mas a forma como esse nome, essa função discursiva é construída sociohistoricamente e projetada nos textos.

Foucault (1992, p. 37), em suas considerações acerca da “função autor”, aborda duas noções que são de extrema importância: a noção de obra e a noção de escrita. O autor nos diz que a problemática está em se delimitar “o que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos por obra? Que elementos a compõem? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor?”.

Para responder essas questões, ele discute em que medida o material produzido por aquele que escreve, isto é, sua obra aponta diretamente para a noção de autor. Se a obra aponta para a existência de um autor, isso o leva a questionar se todo material produzido por um autor pode e deve ser considerado como parte integrante de sua obra, isto é, até uma nota de lavanderia rascunhada por um autor pode ser considerada parte de sua obra? Para Foucault (1992), a palavra “obra” e o que ela designa são, sem dúvida, tão problemáticas como a individualidade do autor. Quanto à segunda noção, a da escrita, o autor nos diz que ela apaga os requíscios da inserção do sujeito autor nos textos.

Esses elementos não são suficientes para que se afirme o desaparecimento e morte do autor, tal como se afirmou nos anos 60. Para compreendermos essa problemática, Foucault discorre sobre a utilização do nome do autor e sua função na cultura escrita ocidental tais como: o nome do autor é um nome próprio e sendo um nome próprio apresenta outras funções que não apenas as indicadoras, ou seja, não é possível tomar um nome próprio como uma referência “pura” e “simples”:

O nome próprio e o nome de autor encontram-se situados entre os polos da descrição e da designação; têm seguramente alguma ligação com o que nomeiam, mas nem totalmente à maneira da designação, nem totalmente à maneira da descrição: ligação específica. No entanto – e daqui deriva as dificuldades particulares do nome de autor –, a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome de autor com o que nomeia, não são isomórficas e não funcionam da mesma maneira. (FOUCAULT, 1992, p. 42-43).

Com isso, Foucault (1992) demonstra que informações sobre a vida do autor, características físicas, residência, caso seja trocadas, alteradas, em nada afeta a referência ao mesmo autor de que se fala. Por exemplo, *A hora da estrela*, continuará sendo atribuída a Clarice Lispector, mesmo se soubermos que ela era canhota e não destra. No entanto, se for demonstrado que esta obra não foi escrita por Clarice Lispector, a mudança é de outra dimensão, e não passaria despercebida: “o nome do autor não é, portanto, um nome próprio exatamente como os outros.” (1992, p. 43-44).

Observamos assim, que um nome de autor não é apenas um elemento da língua, mas antes, exerce uma função discursiva, um papel dado, uma função classificativa, o que permite reunirmos, sob um determinado nome, uma gama de textos, delimitando-os, selecionando-os e opondo-os a outros textos. Outra função da ordem do nome do autor é a de fazer com que os textos relacionem-se entre si, fazendo com que diversos textos de um mesmo autor conversem entre si. Portanto, podemos afirmar que o nome de autor é caracterizador de um discurso:

o facto de pode se poder dizer ‘isto foi escrito por fulano’ ou ‘tal indivíduo é o autor’, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto.(FOUCAULT, 1992, p. 45)

Em nossa sociedade, convivem discursos que são providos da função autor e aqueles que são desprovidos. Essa diferença está em ser “autor” (reconhecido, renomado, autor de obras) e em ser “escritor” (aquele que apenas escreve textos, mas não é reconhecido por um conjunto de textos atribuídos a ele). É notória essa diferenciação nos comentários das *mensagens compartilhadas* que reconhecem como autor do texto aquele que é reconhecido e renomado, e desconhece como autor aquele que não é reconhecido, mesmo que esse reivindique a autoria daquele enunciado destacado¹¹.

É de extrema importância compreendermos como a função autor ganhou relevância e grande importância em nossa sociedade. Foucault (1992), nos mostra que durante a história o que era relevante para a circulação dos textos, não era a quem esses textos deviam “paternidade”, pelo contrário, era seu “conteúdo” que lhes permitia a ampla circulação. Os autores só são tomados e reconhecidos como “autores” das obras, a partir do momento em que

¹¹ Trataremos pontualmente desse assunto no subcapítulo 5.1, no qual trazemos os comentários desses leitores para melhor compreendermos a questão da autoria.

se deixa de ter as obras como uma construção “coletiva” e passa-se a ter o autor como indivíduo suscetível de ser punido por aquilo que escreveu e propagou em sua obra.

Mesmo assim, ao longo da história no Ocidente não foram todos os textos que reivindicaram a atribuição sob o rótulo de um nome tal como ocorre hoje. “Houve um tempo em que textos que hoje chamaríamos de ‘literários’ (narrativas, contos, epopeias, tragédias, comédias) eram recebidos, postos em circulação e valorizados sem que se pusesse a questão da autoria” (FOUCAULT, 1992, p. 48). A legitimidade do texto que permitia colocá-lo em circulação, não estava na designação do nome do autor e sim nele mesmo, em sua estrutura e qualidade, em seu gênero.

Atualmente, todo texto literário reclama o nome de autor para ser reconhecido como tal. Com as *mensagens compartilhadas* não é diferente. Assim, a atribuição de autoria é de extrema importância, permitindo que esses textos ganhem a circulação e sejam lidos não como discursos do cotidiano, mas como discursos tidos como “essenciais” para o conhecimento, tomados no campo da literatura, e em muitos casos, no campo da autoajuda. Como constata o filósofo, para nós, “o anonimato literário” não é mais suportável, sendo que a função autor desempenha atualmente um papel preponderante tanto nas obras literárias como em outros campos.

Outra característica da função autor está em sua constituição, que não se dá de forma espontânea, “como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É antes o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos de autor” (FOUCAULT, 1992, p. 50).

No entanto, não é apenas na ordem do discurso que a “função autor” dos textos literários está em jogo. Chartier (2012, p. 61) nos diz que a ordem dos livros¹² faz parte desses mecanismos que regem a função autor, “ou seja, esta invenção fundamental [a ordem dos livros] que faz com que um mesmo objeto torne legíveis a coerência ou incoerência de uma obra atribuída a uma mesma identidade.”.

Para Foucault (1992), a função autor está ligada a 4 características de suma importância:

¹² Conforme Roger Chartier em sua obra *A ordem dos livros*, entendemos como as formas que controlam sua produção e circulação: “o livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou [...] A ordem dos livros tem também outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.” (CHARTIER, 1999, p.8)

a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1992, p. 56-57)

Essas características explicariam a atribuição, ou melhor, o funcionamento da atribuição de autoria a uma determinada modalidade de textos, em um determinado tempo e espaço. No caso do exercício da autoria em relação aos enunciados destacados das *mensagens compartilhadas* a Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector, passamos agora a discutir algumas de suas especificidades.

5.1 QUEM DISSE O QUÊ: OS COMENTÁRIOS DOS LEITORES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA ÀS *MENSAGENS COMPARTILHADAS*

Após delimitarmos o conceito de autoria em que nos baseamos, abordaremos seu modo de funcionamento nos comentários das *mensagens compartilhadas* que constituem nosso material da análise. Nos comentários dos leitores observamos a manifestação da valoração e a veracidade da atribuição de autoria e ao mesmo tempo, questionamentos de possíveis equívocos a essa atribuição sendo subsidiados por elementos discursivos presentes nos textos, ou até mesmo, a reivindicação de “paternidade” do texto vinda dos próprios autores. Quanto ao reconhecimento e valoração da autoria, observamos a *mensagem compartilhada* postada no dia 11 de abril de 2012:



Figura 07 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu

Na figura 07, a *mensagem compartilhada* é atribuída a Caio Fernando Abreu e é relativa ao aconselhamento de relacionamentos, conforme a divisão temática realizada por nós. No segundo comentário da *mensagem* que transcrevemos:

“Que coisa linda! Que sonoridade!!! Quanto talento!!! Por que não fostes eterno, CFA??? Por quê???”

Verificamos que o leitor reconhece e admira o autor, a saber, Caio Fernando Abreu (CFA) pelo seu texto e por suas estratégias de escrita. As escolhas formais realizadas na construção do texto pelo autor são reconhecidas como as responsáveis pela excelência do texto e, por esse motivo, a leitora julga que o texto atribuído a Caio Fernando Abreu é desde sempre uma atribuição verdadeira, pois reconhece no texto indícios que permitem validar, pelas estratégias linguísticas mobilizadas, a autoria do texto, isto é, os elementos aqui mobilizados são reconhecidos em outros textos que são atribuídos ao mesmo autor.

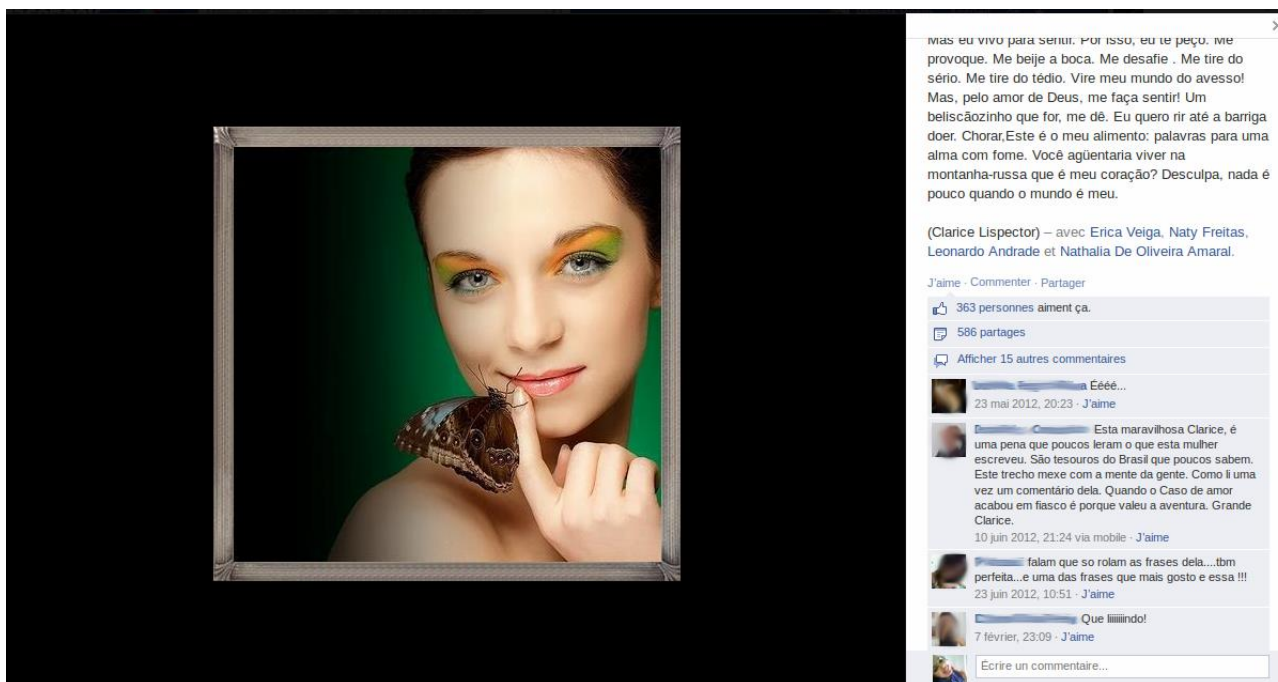


Figura 08 Mensagem Compartilhada de Clarice Lispector

No exemplo acima (figura 08), o enunciado destacado é atribuído a Clarice Lispector, também relativo ao aconselhamento sobre relacionamentos:

Esta maravilhosa Clarice, é uma pena que poucos leram o que esta mulher escreveu. São tesouros do Brasil que poucos sabem. Este trecho mexe com a mente da gente. Como li uma vez um comentário dela. Quando o Caso de amor acabou em fiasco é porque valeu a aventura. Grande Clarice

Verificamos, no segundo comentário dos leitores dessas *mensagens*, o reconhecimento, de forma explícita e explicativa, acerca do caráter especial da escrita de Clarice Lispector, não sendo apenas esse texto em questão que deve ser lido e admirado, mas também tudo que ela escreveu, pois como mesmo destaca o leitor “são tesouros do Brasil que poucos sabem”. Ela não apenas elogia o texto atribuído à autora como também cita outro enunciado que ela também ditou. Isso mostra o funcionamento, na atribuição de autoria, do conceito de obra, da ideia de obra.

Ambos os comentários contidos na figura 07 e 08, demonstram o reconhecimento da atribuição de autoria a essas *mensagens* e destacam a importância e excelência desses dois autores contemporâneos, sendo reconhecidos como dois grandes autores da literatura brasileira. O que valida esse reconhecimento são as escolhas linguísticas e discursivas que

permitem dar ao texto o estilo de escrita que é autenticado por esses leitores que julgam ser pertencentes à obra desses autores. No entanto, em algumas das *mensagens* verificamos o estranhamento da atribuição e reivindicação de autoria, como será visto nos próximos exemplos:



Figura 09 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu

Na *mensagem compartilhada* postada em 04 de setembro de 2012 (figura 09), atribuída a Caio Fernando Abreu e que pertence à divisão temática de aconselhamentos sobre relacionamentos, constatamos no enunciado destacado um possível erro de digitação ou uma falha do processo de “recorte” e “colagem” do enunciado destacado de seu repositório de origem para a página em questão:

Enxergue as pessoas como elas realmente são. Tire o Enxergue as pessoas como elas realmente são. Tire o photoshop, a trilha sonora, o close de melhor ângulo, a maquiagem e as roupas de marca e o cheiro do melhor perfume. Adicione o mau humor, as olheiras, os problemas, as manias, os defeitos. Agora sim, decida-se.

A repetição de “tire o” demonstra um problema de escrita que não sendo atribuído ao autor é normalmente atribuído ao processo de copia e cola de que muitas das produções de textos que circulam pela internet se valem. Na sequência observamos o segundo comentário:

Desculpe a minha ignorância, mas esta frase é mesmo do Caio Fernando Abreu? Ele realmente falou de photoshop? Já havia isso antes dele morrer?

Esse comentário questiona a atribuição de autoria, não por considerar que a mensagem destacada não pertença ao estilo de escrita e faça parte da obra de Caio Fernando Abreu, mas por sua temática ser relacionada a um software que é relativamente novo para o uso de usuários comuns e não apenas especializados. Logo, o leitor indaga sobre a possibilidade do autor ter escrito sobre algo que ganhou destaque, segundo o leitor, após o falecimento do escritor.

É interessante o modo como o leitor se coloca em sua posição discursiva, isto é, do lugar que ele enuncia. Não é um profundo conhecedor das obras de Caio Fernando Abreu que fala: “desculpe a minha ignorância”, mas quem fala é um leitor antenado que desconfia da atribuição de autoria, principalmente em enunciados destacados que são recebidos e produzidos via internet, graças aos discursos que são proferidos sobre essas práticas.¹³

Não são apenas os questionamentos sobre equívocos na atribuição de autoria que são temas dos comentários dos leitores, mas também, há um espaço para reivindicação de autoria como é o caso da *mensagem compartilhada* de Clarice Lispector, publicada no dia 06 de maio de 2012: “Tente o novo todo dia. O novo lado, o novo método, o novo sabor, o novo jeito, o novo prazer, o novo amor.”

¹³ A autora Cora Rónai, em seu livro *Caiu na Rede Os textos da internet que se tornaram clássicos de: Millôr Fernandes, Luiz Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor, João Ubaldo Ribeiro, Caetano Veloso, Jorge Luís Borges, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel García Márquez e muitos outros*, reúne diversos textos que circularam na internet com sua autoria trocada.



Figura 10 Mensagem Compartilhada de Clarice Lispector

Na *mensagem compartilhada* acima, o trecho destacado é um fragmento do poema *Mude*¹⁴. Não verificamos no terceiro comentário (28 de maio) o questionamento ou apontamento para o equívoco da atribuição de autoria, o leitor apenas recorta um fragmento do poema e em seguida acrescenta a atribuição de autoria corrigida. É interessante notar que o fragmento apresentado no comentário não contém o trecho que faz parte do enunciado destacado da *mensagem*.

Na figura 11 (abaixo), observamos um comentário relativo ao equívoco na atribuição de autoria de um mesmo trecho desse poema:

Vou relatar um erro de citação aqui nesta página:

Que bom que você gostou (da frase final) do meu poema Mude:

"Só o que está morto não munda".

Que, aliás, não é de Clarice Lispector.

¹⁴ Disponível em: www.mude.blogspot.com.br/p/poema-mude.html

Esse poema começa assim:

Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade.

Se puder, veja o poema todo, assim como o vídeo e o livro Mude, publicado pela Pandabooks, com prefácio de Antonio Abujamra, e à venda nas maiores livrarias.

Além disso, tal poema também já foi publicado por Pedro Bial na faixa 4 do CD Filtro Solar. Detalhes em <http://Mude.blogspot.com>

/// Para o poeta, o importante é encantar o coração do leitor. Mesmo que este suponha ter sido encantado por Clarice Lispector. E o vídeo Mude pode ser visto aqui:

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded...

/// Flores e estrelas...

Onde foi que você viu que é de Clarice? Pois quero passar a informação correta também a essa pessoa, para evitar que tal erro de autoria seja ainda mais disseminado.

Solicito que se faça uma correção, em respeito aos seus leitores, e aos leitores de Clarice.



Figura 11 Mensagem Compartilhada de Clarice Lispector

O fragmento do texto ao qual o leitor, Edson Marques, cita é: “Só o que não está morto não muda”, que é atribuído a Clarice Lispector. O comentário desse leitor relata um erro na atribuição de autoria e mostra, através de diversas fontes tais como blog, site e livrarias, que o poema em questão é de sua própria autoria e foi gravado por Pedro Bial. A validação da autoria, por parte de Edson Marques, não está em seu reconhecimento pelos leitores, mas sim, na publicação de seu próprio livro. Em determinados momentos de seu comentário, “Para o poeta, o importante é encantar o coração do leitor”, o autor aparenta frisar que é mais importante o conteúdo em detrimento do reconhecimento de autoria, o que era comum, segundo Foucault (1992), antes de se apontar o autor como responsável por sua obra. No entanto, no mesmo trecho retoma a ideia do funcionamento da autoria “Mesmo que este suponha ter sido encantado por Clarice Lispector”.

Outro ponto interessante desse comentário é a indicação de que os fragmentos das obras literárias que compõem as *mensagens compartilhadas* são retirados de um repositório que não é a própria obra dos autores, tendo em vista que se fossem, o poema não seria atribuído a Clarice Lispector e sim, a Edson Marques, pois o próprio autor solicita que seja corrigido na “fonte” o equívoco de atribuição.

Na figura anterior (10), percebemos que esse mesmo texto possui uma multiplicidade de atribuições, sendo ora atribuído a Clarice Lispector e ora a Pedro Bial, pois o que importa, segundo o que podemos verificar através da análise dos comentários, é o texto ser atribuído a um “autor” não importando se ele é o “proprietário” da obra, tal como se observa nessa lógica de produção e circulação das mensagens. Assim, o texto ganha circulação, isto é, é facilmente compartilhado pelos leitores das *mensagens compartilhadas*.

No entanto, o que motiva a atribuição de um texto a um determinado autor e não outro? Uma das explicações, é relativa ao reconhecimento nacional do nome do autor, como observamos, o nome Clarice Lispector é reconhecido e possui ampla divulgação diferentemente do nome Edson Marques, ou seja, a importância da atribuição de determinados nomes de autores a diversos textos, principalmente na internet, está na questão da circulação que esses textos procuram ou também por simples desconhecimento da autoria “original”. Muitos dos fragmentos de textos que estão na página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector* são provenientes de outros sites repositórios como *Pensador Uol*¹⁵, para o qual qualquer usuário da internet pode enviar trechos de textos e colocá-los sob a autoria que julga ser atribuída aos textos selecionados.

Quem faz essas coisas? E por quê? Difícil dizer; difícil sequer tentar a explicação lógica que se pode aplicar ao caso clássico do proto-apócrifo, que tem uma grande mensagem, mas calhou de ser escrito por uma pessoa pouco conhecida [...] A segunda motivação, se que é assim se pode chamá-la, é uma completa falta de interesse pelo autor do texto: o que vale é a mensagem, não importando quem a tenha escrito [...] Em sua vasta maioria, os textos são cômicos ou motivacionais, ‘lições de vida’ – o que, sem grandes psicologismos, basta para revelar o que está por trás da falsa atribuição ou do ‘esquecimento’ do nome do autor: a vontade irrefreável de espalhar conselhos e risadas entre o maior número possível de pessoas, aliada à ignorância e a um senso peculiar do que é direito autoral. (RÓNAI, 2006, p. 14-15)

A necessidade da atribuição de autoria a essas *mensagens*, isto é, o modo com a função autor é de extrema importância para a circulação desses textos, o nome do autor faz com que o texto, seja ele qual for, ganhe circulação, seja lido e compartilhado pelo maior número de leitores possíveis. Além disso, a atribuição de autoria faz com que o texto perca a possibilidade de ser lido como um texto cotidiano e qualquer, e passe a ser tido dentro de um

¹⁵ Pensador Uol (www.pensador.uol.com.br) é um site de repositório de frases, citações e textos de autores famosos. Em nossa busca na rede pela a origem dos enunciados destacados das obras de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector, muitas das mensagens foram direcionadas diretamente a esse site.

novo estatuto, a ser reconhecido como motivador, merecedor de ser compartilhado. A circulação dos textos é de suma importância para as atribuições de autoria realizadas pelos produtores de mensagens de diversos tipos na internet, o que o produtor busca é disseminar conselhos, risadas, informações para o maior número de pessoas possíveis.

O regime da autoria, em nossa sociedade, é fundamental para a circulação dos textos, permitindo que sejam lidos de determinadas formas e não de outras. Na *mensagem compartilhada* do dia 18 de dezembro de 2012, observamos o funcionamento da autoria diante do questionamento do leitor: “por favor essa frase é de qual livro da Lispector?”.



Figura 12 Mensagem Compartilhada de Clarice Lispector

Diante da ausência de uma resposta por parte tanto dos administradores/produtores e de leitores da página, o mesmo leitor realiza um novo comentário:

Desculpem, mas há no facebook uma confusão de frases entre autores e escritores. Já vi letra de Oswaldo Montenegro assinada como o nome de Miley Cyrus. Não consigo creditar nenhum livro, crônica ou entrevista da Clarice que contenha esta frase, gostaria da fonte por favor... visto que nada desta frase se aparenta com o gênero literario da autora, minha favorita.

Nesse comentário, notamos que o leitor afirma ter realizado uma pesquisa e ser um

leitor das obras de Clarice Lispector, pois busca através das estratégias de escrita da autora reconhecer traços que permitiriam creditar a autoria a Clarice Lispector. Diante da impossibilidade de verificação desses traços e da possibilidade de encontrar o trecho em questão em um livro, crônica ou entrevista da autora, o leitor questiona os produtores da *mensagem* sobre a fonte originária do enunciado destacado.

Além do trecho em questão, segundo o leitor, não se aproximar do gênero literário e do estilo de Clarice Lispector, o leitor encontra subsídios nos discursos que circulam sobre as atribuições errôneas de autoria a enunciados destacados na internet, além de comprovar esse fato por si mesmo, conforme nos diz em seu comentário.

Diferentemente do leitor da figura 12, os leitores das figuras abaixo (13 e 14), tomam como iguais os enunciados atribuídos a Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector e vice-versa, mesmo que na própria constituição da *mensagem* esteja creditada a autoria:

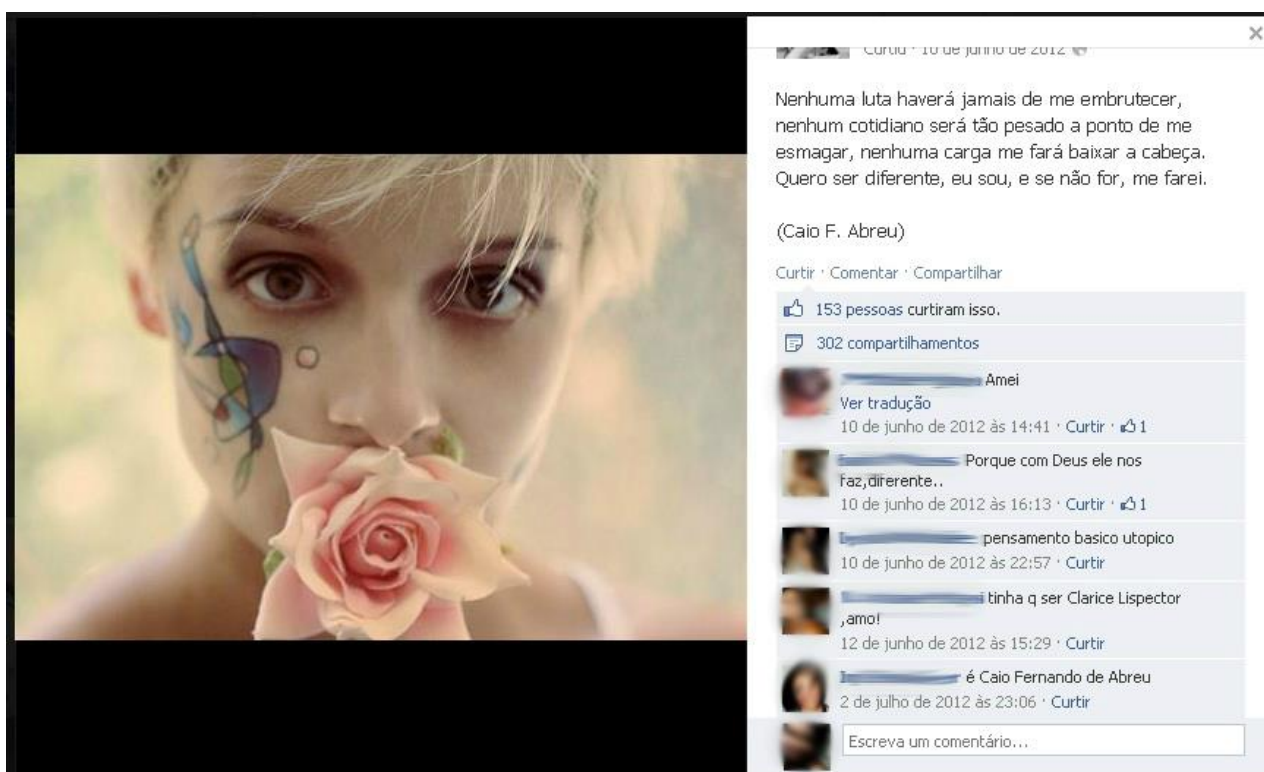


Figura 13 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu



Figura 11 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu

O enunciado destacado do dia 10 de junho de 2012 é atribuído a Caio Fernando Abreu ao final da mensagem, como em outras *mensagens compartilhadas*, no entanto, uma leitora atribui o trecho a Clarice Lispector: “tinha q ser Clarice Lispector, amo!”, sendo corrigida por o comentário posterior: “é Caio Fernando de Abreu”.

Nesses dois comentários, vemos que a homogeneização dos textos nas redes sociais, faz com que sejam recebidos todos pelo mesmo meio, não sendo divididos por autores, como numa obra em que cada texto seria vinculado a um autor e a um livro. Dessa forma, os leitores das *mensagens compartilhadas* acabam “apagando” as diferenças entre os estilos de escrita de cada autor e atribuindo autorias de forma equivocada.

O que se constata é que muitos desses *novos* leitores não são leitores das obras impressas de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector, travando contato apenas com aquilo que é distribuído nas redes sociais, que são selecionados por divisões temáticas que os tornam iguais (quanto ao modo de escrita e conteúdo), sendo facilmente confundidos, como verificamos no comentário da postada de 21 de setembro de 2012: “Adoro Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector”.

Outro fator está no desconhecimento da obra desses autores que é verificada nas diferentes grafias dos nomes dos autores nos comentários: “Caio Fernando de Abreu”; “Caio Abreu”; “Caio de Abreu”; “Clarisse”; “C. Lespector”. Muitos desses autores reconhecem esses autores apenas de ter ouvido falar desses nomes e assim, escrevem como recordam.

5.2 REPOSITÓRIOS DAS MENSAGENS COMPARTILHADAS: “VELHAS” PRÁTICAS EM NOVOS MEIOS

Para abordarmos as questões relativas às modificações por que passam os textos nos meios eletrônicos, devemos nos atentar para as revoluções precedentes porque passaram ao longo da história. A primeira revolução sintomática é da ordem técnica: a invenção dos caracteres móveis e da prensa (Gutemberg) apresentam um novo modo de circulação dos textos, ou melhor, dos livros que deixam de ser manuscritos (copistas) e passam a serem impressos, o que garante maior circulação em menor período. No entanto, os livros impressos ainda continuam dependentes de recursos utilizados na ordem dos manuscritos imitando-os na

paginação, escritas e aparências; acima de tudo, exige-se que o acabamento do livro seja obra da mão do iluminador que pinta letras iniciais adornadas ou historiadas e miniaturas; a mão do corretor, ou *emendator*, que acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor, que inscreve na página notas e indicações marginais. (CHARTIER, 1994, p. 188).

Ainda são as regras do livro manuscrito (as práticas) que regem a produção do novo objeto (livro impresso). Todavia, a revolução de Gutemberg modifica apenas a técnica de produção desses livros, mas não as estruturas e os suportes que compartilham esses textos.

Com a leitura na tela, segundo Chartier (1994, p.187), “a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados.”. Apesar dessas alterações em sua produção, observamos uma certa regularidade no modo como os leitores se apropriam dos textos que estão presentes nesse meio digital, uma vez que os leem segundo a ordem do impresso, entre elas a da consolidação e emprego sistemático do nome do autor.

Outra revolução é aquela relativa à mudança nas práticas de leituras, isto é, deixa-se de ler em voz altas em grupos, para a prática de uma leitura individual e silenciosa (com olhos). Com isso também há uma modificação no tipo de leitor, há leitores intensivos (aqueles que

leem várias vezes as poucas obras de que dispõem) e os leitores extensivos (aqueles que leem uma diversidade de obras mas não repetem a leitura). A modificação também em formatos e escolhas editoriais de livros se faz importante para compreendermos as mudanças no processo de leitura, como nos livros da *bibliothèque bleue*¹⁶.

Diante das revoluções apresentadas, Chartier (1994, p. 190) nos diz que “a revolução do texto eletrônico será, ela também, uma revolução da leitura. Ler num monitor não é o mesmo que ler num códice.”. A mudança do suporte, isto é, a passagem do códice para a tela, pode implicar alterações profundas no modo de ler, daí a questão do suporte¹⁷ ser importante para a leitura.

A prática de trocas de autoria nos textos não é exclusividade dos tempos da era digital, embora o compartilhamento de mensagens seja relativamente atual e ampliado pelas novas formas de produção e circulação de textos, o princípio do destacamento de enunciados e de constituição de frases é uma prática corrente em outros tempos e conhecida pelos humanistas e seus livros de lugares-comuns: “sempre que encontravam uma passagem interessante, copiavam o trecho num caderno, sob um título apropriado, acrescentando observações sobre a vida cotidiana.” (DARNTON, 2010, p. 164).

Os livros de lugares-comuns eram uma ferramenta de extrema importância para os estudos dos humanistas, indispensável para a leitura literária, cujo princípio de sua constituição era o de reunir os fragmentos ou citações de obras lidas em cadernos que eram organizados em temas e tópicos. Os leitores que produziam seus livros de lugares-comuns normalmente eram eruditos que eram contratados por famílias aristocráticas para o acompanhamento dos estudos dos filhos dessas famílias.

Os livros de lugares-comuns de grandes nomes eram publicados, não interessando, muitas vezes, a autoria daqueles enunciados que foram destacados, mas a presença do nome do “autor” da seleção daqueles enunciados, que em certa medida também sofriam alterações:

[...] os ingleses do início da era moderna liam de forma intermitente, pulando de um

¹⁶ A *bibliothèque bleue* são livros que passam por processos de modificação editorial, como a divisão em capítulos e a fragmentação de textos conhecidos da literatura, o que os tornam objetos para leitura popular. São encadernados com capas azuis, daí o nome.

¹⁷ Em seu texto *Mediação Editorial*, Chartier, nos afirma que: “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos”, sendo assim, os textos possuem uma relação direta com seus suportes e essa relação acarreta alterações nos efeitos de sentido do texto.

livro para o outro. Dividiam os textos em fragmentos, que agrupavam em novos padrões ao transcrevê-los em seções diferentes de seus cadernos. Então reliam o que tinham copiado e recombinaavam os padrões à medida que adicionavam mais excertos. (DARNTON, 2010, p. 164-165)

As mensagens compartilhadas assemelham-se à prática de constituição dos livros de lugares-comuns pelo recorte dos fragmentos literários que são vinculados e compartilhados através de páginas na internet. Além disso, o conteúdo é tomado pelos leitores, não como discursos cotidianos, mas sim, “tomados no sentido positivo em que eram entendidos no Renascimento, como máximas gerais, exemplos imitáveis e verdades universais.” (CHARTIER apud NAVARRETE, 2011, p.20).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos realizar uma breve análise de *mensagens compartilhadas* que circulam nas redes sociais, em nosso caso, no *Facebook*, utilizando com material de análise as *mensagens* oriundas da página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*. Observamos, particularmente, os comentários dos leitores dessas *mensagens* que evidenciam em seus textos discursos que regem o funcionamento da autoria. Como vimos em nossa análise, a atribuição de autoria às *mensagens*, em muitos casos, sofrem críticas e são questionadas pelos próprios leitores, que através de indícios existentes nos próprios enunciados destacados reconhecem o equívoco da atribuição de autoria. No entanto, vemos em outros casos, ocorrer exatamente o contrário, isto é, os indícios existentes nos próprios textos servem para que os leitores validem a autoria.

Os administradores/produtores da página em questão, não se manifestam sobre os questionamentos acerca da atribuição errônea de autoria. Continuam postando os textos, às vezes com os mesmos enunciados destacados que foram questionados. Tanto a produção das *mensagens* como a sua circulação parecem não ser afetadas pelos questionamentos dos leitores.

Mesmo com atribuições equivocadas de autoria e discursos sobre a falta de veracidade das autorias de textos que circulam na internet, ainda se faz importante que essas *mensagens* como textos em gerais que circulam na rede gozem da atribuição de autoria, o que permite que sejam compartilhadas e ganhem assim, circulação nesse espaço. Um fragmento de texto que seja atribuído a um autor não reconhecido não ganha o mesmo espaço de circulação de

um texto atribuído a um autor famoso.

A atribuição de autoria com nomes de autores conhecidos torna o fragmento de texto memorável, digno de ser compartilhado e não apenas um discurso do cotidiano. Um nome de autor não é simplesmente um nome próprio, mas sim um nome a quem se é atribuído um determinado conjunto de textos que permitem reconhecê-lo como autor daquelas obras, “logo, essa ‘função autor’ marcada pelo nome próprio é, de início, uma função de classificação dos discursos que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única.” (CHARTIER, 2012, p. 29).

Os textos eletrônicos têm modificado nossas práticas de escrita e leitura, fazendo-nos adaptarmos ao novo objeto cultural que está em nossas mãos. Outro fator que se modificou foi o alcance desses textos, que pode alcançar qualquer leitor desde que possuidor de equipamento necessário (dispositivo eletrônico com acesso à internet) para recebê-lo.

Diferentemente dos livros impressos, os textos eletrônicos são recebidos, em muitos casos, sem seu contexto original, isto é, de forma fragmentada, “separados das formas que contribuíram a construir suas significações históricas”, o que para Chartier (1994, p. 194), é um grande risco de se perder a inteligibilidade da cultura textual com seu vínculo antigo.

Os leitores das *mensagens compartilhadas* não tem acesso à obra original e ao seu contexto original de produção; o que eles leem são trechos destacados, supostamente, de obras literárias dos autores escolhidos que passam por uma seleção e adaptação. Entendemos esses leitores como *novos* leitores, pois entram nessa cultura por arrombamento, não são os leitores pressupostos dessas obras, diferem-se da forma como os leitores dos textos impressos dessas obras mantém o contato, se apropriam dos enunciados destacados, diferentemente do estatuto atribuído aos textos impressos de obras literárias.

Em muitos comentários dos leitores, observamos que os enunciados destacados das obras de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector são lidos por um campo de recepção diferente daquele esperado pela literatura, “é assim criada uma continuidade que não mais distingue os diferentes gêneros ou repertórios textuais que se tornaram semelhantes em sua aparência e equivalentes em suas autoridades.” (CHARTIER, 2002, p.109). Os leitores associam as *mensagens* a ensinamentos, a reflexões da alma, que são tidas no campo de recepção da autoajuda e isso é evidenciado em seus comentários. Em determinados momentos concordam com o que é dito e em outros discordam e explicam as razões pelas quais não tomam para si aquilo como verdadeiro.



Figura 15 Mensagem Compartilhada de Caio Fernando Abreu

Na postagem do dia 1 de dezembro de 2012, verificamos que o modo como o leitor comenta o texto se aproxima muito de uma conversa informal, na qual expõe suas ideias, seus conflitos, mas não tentando uma aproximação ou imitação de um campo literário:

não concordo., não sou única no mundo, e foi por descobrir a pessoa que sou, tem importância sim, o que falam , ou outras opiniões, sobre mim,, pois se quiser provar o contrário, faça o teste. tente viver sozinho, e então , não verá, mas sim terá certeza, queo que falam , importa sim, prazer em conhece-lo.

A maneira como esse leitor comenta o texto atribuído a Caio Fernando Abreu se difere do modo de comentar literatura, mesmo ao discordar, de um leitor ou crítico literário, que tomaria um posicionamento e uma maneira diferente de explicitar suas ideias contrárias. Para esse leitor, o texto não é uma obra literária que deve ser comentada como tal, é apenas um discurso sobre um assunto pertinente e que em sua opinião deve ser exposta da forma que julga mais eficaz.

Buscamos também, demonstrar que a prática das *mensagens compartilhadas*, isto é, a seleção e destaque de enunciados, reunidos sob uma página, se aproxima da prática humanista de livros de lugares-comuns, evidenciando que as práticas de leitura e escrita não surgem do nada, mas são continuções de práticas anteriores. Além do mais, nossa relação com os objetos digitais não são desprovidos de nossas memórias dos objetos impressos, isto é, ainda impomos a ordem do impresso no meio digital. Isso é evidenciado no modo como se

fazem necessários os questionamentos à autoria, perguntas sobre a obra de origem dos enunciados destacados, por exemplo, e a própria necessidade de atribuição de autoria a esses textos permitindo sua circulação.

No entanto, os textos digitais, permitem novas relações entre o leitor e a tela. As *mensagens compartilhadas* são uma evidência do que essa nova relação permite, isto é, nos textos impressos “não podia modificar o enunciado do texto nem apagá-lo [...] agora, com a representação eletrônica do texto, existe a possibilidade de submeter o texto recebido às decisões próprias do leitor para cortar, deslocar, mudar a ordem, introduzir sua própria escrita.” (CHARTIER, 2001, p.145), e também compartilhá-lo com uma determinada comunidade leitora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Silvia Couto de. Políticas de Autoria. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 2001, p. 139-157.

_____. Diferentes formas de ler. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm Acesso em 10 de março de 2010.

BENVENISTE, Émile. Semiologia da Língua [1969]. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Ed. Pontes, 1989.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitores de quê? Leitores pra quê? In: *Revista Aprendizagem*, Curitiba, 2008.

CARR, Nicholas. A geração superficial: o que a internet está fazendo com nosso cérebro; tradução Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. Les modèles de lecture des temps modernes. *L'aventure du Livre*. Disponível em: www.classes.bnf.fr/livre/arret/auteur-lecteur/lecture/06.htm>>. Acesso em: 26 nov.2013

CHARTIER, Roger. A mediação editorial. In: *Os desafios da escrita*. SP: Editora da UNESP, 2002.

_____. A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

_____. Cultural Escrita, Literatura e História: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre:

ARTMED Editora, 2001.

_____. Do código ao monitor: A trajetória do escrito. In.: Estudos Avançados. Vol.8. no21. São Paulo: 1994.

_____. Leitura e leitores ‘populares’ da renascença ao período clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (orgs.) [1997]. *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. Trad. São Paulo: Editora Ática, (p.117-129), 1999.

_____. Morte ou transfiguração do leitor. In: *Os desafios da escrita*. SP: Editora da UNESP, 2002.

_____. O que é um autor? Revisão de uma genealogia. Tradução: Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

_____. Poderes e limites da representação Marin, o discurso e a imagem. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. [Au bord de la falaise: L’histoire entre certitudes et inquietude]. Patrícia Chittoni Ramos (Trad). Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CURCINO, L. Enunciado e Sujeito em Michel Foucault. In: *I Ciclo de Estudos do Discurso: repensando conceitos e objetos na obra de Michel Foucault*. Goiânia, 2010a.

CURCINO, L. Princípios de não-homologia entre o verbo e a imagem: breve análise de uma estratégia de escrita da mídia. In: *58º Seminário do Gel*, 2010b.

CURCINO, L. O enunciado na arquitetura foucaultiana do discurso: uma análise do processo de remanência de enunciados da mídia. In: FERNANDES, C.; CONTI, C.; MARQUES, W. (orgs.) *Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos*. Uberlândia: EDUFU, 2013 (no prelo).

CURCINO, L. Velhos *novos* leitores e suas maneiras de ler em tempos de textos eletrônicos. In.: *Revista ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, 41 (3): p. 1013-1027, set-dez 2012 1013. Disponível em: http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v3_t09.red6.pdf> Acesso

em: Setembro, 2012a.

CURCINO, L.; ANDRETTA, P. I. Machado de Assis e seus leitores da era da internet: o que se diz sobre os clássicos no Skoob. *Revista Leitura. Teoria & Prática*, v.58, ano 30, junho/2012b, p. 205-214, 2012. Suplemento Especial 18º COLE. Campinas: Editora ALB; Editora Global. ISSN 0102-387X. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais18/pdf/ltp_58_suplemento_18cole_01_401.pdf> Acesso em 28 de maio de 2013.

DARNTON, Robert. Os mistérios da leitura In: *A questão dos livros – passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. A Ordem do Discurso: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. O Enunciado e o Arquivo. In: *Arqueologia do Saber* 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. O que é um autor?. Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3 edição. 1992.

HÉBRARD, Jean. Pode-se fazer uma história das práticas de leitura na Época Moderna? Os novos leitores revisitados. Disponível em: www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf > Acesso em 10 de abril de 2009.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In.: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (org.) [1997]. *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. Trad. São Paulo: Editora Ática, (p.165-202), 1999.

JENKINS, Henry. Introdução: “Venere no Altar da Convergência”. In.: *Cultura da convergência*. Susana Alexandria (Trad.). São Paulo: Aleph, 2008.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. In.: Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v.2 n.3 p. 23-56 set/dez 2011 ISSN 2177-6644

MAINGUENEAU, Dominique. A Citação e a destacabilidade. In: *Cenas da enunciação*. Trad. Roberto Leiser Baronas. Sirio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (orgs). Curitiba: Criar Edições, 2006. p. 72- 91.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. O discurso: estrutura ou acontecimento. 2a ed. Campinas / São Paulo: Pontes, 1997.

PESAVENTO, S. J. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RÓNAI, C. Caiu na Rede *Os textos da internet que se tornaram clássicos de*: Millôr Fernandes, Luiz Fernando Verissimo, Arnaldo Jabor, João Ubaldo Ribeiro, Caetano Veloso, Jorge Luís Borges, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel García Márquez e muitos outros. Rio de Janeiro: Agir, 2006.